

## RESUMO

### **Título: MEMÓRIA, NARRATIVAS E FONTES: O *Corpus* da Pesquisa em História Oral e Cultural.**

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (PUCGOIÁS/PPGE/NUPE; doutora;  
belalorena8@yahoo.com.br)

O estudo que aqui proponho apresenta discussões sobre o resultado parcial do trabalho realizado para elaboração da tese de Doutorado em História Cultural sobre a memória de velhos mestres-escolas do sertão mineiro, no período de 1924-1944. No primeiro capítulo da tese, apresento a metodologia trabalhada e as contribuições dos estudiosos da História Oral e Cultural nos quais ancoraram os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa de campo e a construção do *corpus* documental oral e escrito, utilizando instrumentos como: entrevistas, diário de campo, pesquisa documental em arquivos públicos e particulares e análise de documentos escritos (diários de classe, cadernetas de anotações de controle e prestações de contas da escola e do professor, registros de frequências, da rotina e das práticas escolares, cartas de correspondência oficial e pessoal, cadernos escolares contendo lições e anotações). Para o cotejamento e análises dos dados foram utilizados os pressupostos metodológicos da História Oral, História Cultural e abordagem teórica que contemplou três eixos: Educação, Memória e Identidade, cujos pressupostos podem lançar luzes para o entendimento da importância dos diferentes processos culturais, bem como de experiências sociais em seus tempos e lugares.

Palavras-chaves: Metodologia em História Oral; *Corpus* documental; Memória ;

**Título: MEMÓRIA, NARRATIVAS E FONTES: O *Corpus* da Pesquisa em História Oral e Cultural.**

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida

PUCGOIÁS/PPGE/NUPE

belalorena8@yahoo.com.br

Como transmitiríamos a nossos filhos

o que foi outrora a cidade,  
soterrada embaixo da atual,  
se não existissem mais  
as velhas casas, as árvores,  
os muros e os rios de outrora?"

(Ecléia Bosi, 1987).

O ponto de partida da pesquisa foram as narrativas que já faziam parte do meu repertório de lembranças, da minha anterioridade não-datada, elas habitavam minhas representações desde há muito, como a lenda da Carinhonha ou de Bela Lorena, onde nasci. Movida por esses sentimentos de pertença e de angústia, é que desenvolvi a pesquisa, cujo objeto de estudo é a reconstrução da memória educacional de mestres-professores que atuaram nos lugares denominados de Bela Lorena e Formoso (MG) no período de 1924-1944. como também as histórias e representações da vida escolar nos sertões de Minas Gerais, no espaço geográfico do noroeste do Estado, mais especificamente nos percursos do romancista Guimarães Rosa, fonte de inspiração do seu romance Grande Sertão: Veredas, que nomeia o Parque Nacional homônimo, criado em 1989 por decreto federal.

Embora, sejam rememoradas experiências nas quais estou incluída, porque fazem parte da história da minha família e dos lugares onde nasci e, continuo, de certo modo neles vivendo, elas são singulares e significativas não por serem também minhas, mas por serem anteriormente tangíveis a toda uma coletividade. O foco das experiências aqui rememoradas refere-se antes a um tema cujas preocupações são universais: a educação; e cujo significado histórico é representativo não apenas da coletividade em estudo, mas da educação brasileira, de tempos e espaços que constituem referenciamentos identitários de uma nação.

Dialogando com autores nessa linha teórica da História Cultural, como Jacques Le Goff, citando Lucian Febvre, encontrei pistas nas direções por eles apontadas:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do Campo e das ervas daninhas. [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. ( FEBVRE apud LE GOFF, 2003, p. 530).

Uma das principais motivações e preocupações desse estudo é a reconstrução da memória de um segmento social que se caracteriza pela ausência ou escassez de registros e documentação escrita, organizada e sistematizada. O trabalho, portanto, está inscrito numa perspectiva que tem como referência as contribuições da História Cultural, cujos princípios e pressupostos teóricos de análise possibilitaram a construção do conhecimento histórico sobre indivíduos e grupos, que dão sentido à sua visão de mundo, suas condutas e práticas sociais ao construírem suas representações sobre o real e traduzirem a experiência do vivido e não vivido.

O estudo das memórias de velhos mestres do longínquo sertão mineiro circunscrito no espaço e no tempo, portanto refere-se a um grupo social com suas singularidades, mas que trata de questões que atravessam a história da humanidade – educação, a escola, os velhos mestres, seus discípulos, práticas e tradições, naqueles

tempos e espaços, cujas histórias guardam entre si muitas singularidades. Embora, não se pretenda aqui produzir generalizações. Como pontua Lucilia Neves Delgado:

Uma característica fundamental da metodologia qualitativa é sua singularidade e não-compatibilidade com generalizações. [...] Situa-se no terreno da contrageneralização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas. [...] Não objetiva a história em si mesma, mas um dos possíveis registros do que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória. (DELGADO, 2006, p. 18).

Os percursos para a compreensão dessas questões foram construídos por meio de entrevistas, análises de documentos escritos e materiais escolares, iluminados pelo referencial teórico sobre memória e identidade; pela contribuição dos aportes metodológicos da História Cultural e História Oral, como fios condutores dos caminhos delineados, entrelaçando as reconstruções do passado vivido pelos narradores e os personagens às reflexões desenvolvidas nessa abordagem para a sistematização e compreensão dos dados colhidos nas fontes.

Nesse sentido, as análises sobre as escolas, os mestres, as práticas educativas e suas representações, fundamenta-se também no referencial sobre o contexto histórico-social da educação brasileira, abordando os acontecimentos políticos e sociais a partir da década de 1920 até os anos 1940, principalmente os anos 30 e 40, marcos de mudanças e rupturas políticas no País que influenciaram as reformas educacionais ao lado das mudanças sociais e econômicas ocorridas que também influenciaram a vida dos professores e dos narradores em estudo.

O contexto histórico da educação brasileira serviu de palco para dar visibilidade às reflexões sobre a escola, a escolarização e as demandas sociais, no período em estudo (1924- 1944), em que ocorreram importantes acontecimentos que marcaram a história da educação no Brasil, tendo como ponto alto a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE - 1924), sob a liderança de educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Paschoal Lemme, só para citar alguns dos signatários do histórico *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* (1932).

O Movimento Escolanovista, que inaugurou temas polêmicos para agenda das políticas educacionais no País, era considerado de tendência liberal e tinha como opositores os conservadores representados, naquele contexto, pelos donos das escolas particulares liderados pelos representantes das escolas católicas; polarizaram intensos debates sobre a educação pública, em torno dos temas educacionais propostos para a Constituição de 1934.

Os escolanovistas realizaram uma série de reformas educacionais, em seus estados nesse período. Francisco Campos, então Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais e, nessa época, um dos integrantes da Associação Brasileira de Educação – ABE - e do movimento escolanovista, realizou e implementou ampla reforma educacional no Estado, que teve a expansão das Escolas Rurais como um dos seus principais pontos.

No bojo dessas políticas do Governo mineiro, é que no início dos anos de 1920, os mestres desse estudo iniciam suas carreiras profissionais na região. Migram da terra natal, Januária, para os recantos longínquos dos Chapadões do Urucuia. O jovem Benevides, aos 22 anos, é nomeado professor público regente para o distrito de Morrinhos de Paracatu. A jovem Ana Pereira de Souza, nos seus 18 anos é nomeada em 1924, para o cargo de professora regente para a cadeira pública da escola mista do distrito de Formoso. Ambas as nomeações resultaram de articulações políticas locais e estaduais.

Compreendo a escola como um lugar de lembranças e memórias, por isso, na minha concepção, essa abordagem também será buscada para a reflexão que a refere tanto como um espaço de estranhamento, como também aquele que guarda similaridades com o habitat familiar ou doméstico. Acredito que, principalmente no caso desse estudo, em que o espaço escolar coincide quase sempre com o do lar em que boa parte das narrativas se reporta ao ambiente familiar e, portanto, às construções identitárias e representativas sobre o mestre, as experiências e aprendizagens escolares, sejam elas pedagógicas ou de sociabilidade/civilidade.

Entretanto, entendo que esse diálogo tem como intenção reconstruir o conteúdo das narrativas sem, contudo, a pretensão de estabelecer provas ou acareações para confirmar ou refutar verdades. Como entendiam os historiadores do final do século

XIX, influenciados pelo positivismo e para os quais a prova histórica é por excelência um documento escrito, especialmente o oficial.

O trabalho com história cultural/oral, não tem a preocupação de atingir a objetividade dos relatos orais e controlar a subjetividade dos informantes, pretende, ao contrário, explorar justamente a riqueza da subjetividade da narrativa, procurando apreender o significado que os fatos tiveram para os narradores; entendendo como eles interpretam estes fatos e explorando também a diversidade das interpretações, diferenças de contradições contidas nas narrativas e entre o documento oral e escrito, para contribuir com a problematização do estudo.

Assim, o objeto do estudo foi reconstruído por meio da organização tanto de um *corpus oral* como do *corpus escrito*. Os *corpi* oral e escrito constituem-se no arcabouço em que foram sistematizados os grandes temas abertos pelas narrativas e interpretados como representações. As entrevistas que formam o corpus oral da pesquisa e contribuíram para a reconstrução do passado, entendido como uma releitura das experiências e demandas do momento presente daqueles que narram.

Ou seja, o diálogo com diversos tipos de documentos: documentos orais; documentos oficiais, fotografias, filmes, cadernos, livros, cartilhas, embora tenham predominado as fontes orais, concordo com Cléria Costa (2006, p.16), que essas fontes são intercomplementares, uma vez que “os procedimentos metodológicos que orientam as pesquisas que trabalham com o corpus oral pouco diferem dos procedimentos usados no corpus escrito”. Ambos ancoram-se nos procedimentos da pesquisa histórica.

Como se trata de uma pesquisa qualitativa vários instrumentos de coleta de dados foram utilizados: entrevistas livres, semi-abertas e com roteiros tematizados; caderno de campo, questionários, fichas de cadastro dos entrevistados, documentos escritos, objetos como cadernos escolares, cartas pessoais, memórias escritas, fotos, materiais didáticos, como cartilhas e livros buscados na internet ou fotografados no Museu do Professor e no arquivo Público de Belo Horizonte para conceder materialidade às pistas indicadas pelas narrativas, entendidos como composições e vestígios, buscados para conquistar maior amplitude e profundidade na investigação e suas análises.

Portanto, as fontes orais foram aliadas às fontes escritas. Quanto às suas modalidades, a história oral tem sido classificada em: história oral de vida; história oral temática; tradição oral. Optei, nesse estudo, pela história oral temática e suas relações

com as questões sobre a memória entendida como uma reconstrução do passado, mediado pelas experiências do presente. As experiências vividas pelos entrevistados, olhadas em seus significados, a riqueza e a diversidade das interpretações dos fatos por eles vivenciados e narrados, como também as diferenças e as contradições contidas nas narrativas, nos documentos escritos e demais tipos de fontes, tal como apresentados por Thomson (1992), sobre reconstrução do passado e composições.

Assim, os documentos oficiais, não se constituíram em foco de preocupação central do trabalho de coleta de dados da pesquisa, mas foram buscados embora poucos foram encontrados, reconheço que trouxeram importante contribuição para as análises e configurações. Apesar de muitos considerarem que os registros tidos como oficiais na maioria das vezes retratam a visão de mundo da classe dominante, acredito que podem propiciar um diálogo muito rico, permitindo uma análise com diferentes expressões e significados sobre uma mesma realidade vivenciada por diferentes segmentos e personagens, como também possibilitar ao pesquisador cruzamentos de muitos olhares em relação ao objeto estudado.

**Corpus oral.** As entrevistas foram realizadas privilegiando a história oral temática sobre a escola, as práticas escolares e a história de vida dos narradores e dos mestres, ampliando o diálogo entre o passado e o presente dos personagens que participaram na composição das suas experiências cotidianas reconstruídas. Os entrevistados foram compreendidos como colaboradores, pois compartilharam da construção do conhecimento sobre as experiências de escolarização no sertão mineiro, em uma determinada fase histórica (1924 a 1944).

As entrevistas “pilotos” e as exploratórias, como ensina Paul Thompson (1998, p. 254-255), tiveram o objetivo de mapear o campo de investigação, colhendo idéias e localizando as fontes de informações genéricas no início da elaboração de um projeto, contribuem para um melhor delineamento dos percursos. Nesse sentido, é que realizei de início entrevistas livres, que formaram o Caderno de Campo. Parte desse primeiro *corpus* contribuiu para a elaboração do capítulo sobre Bela Lorena, já que esse foi foco de interesse dos entrevistados.

Ao longo desse percurso foram entrevistados 15 narradores ex-alunos, além de outros que relataram sobre as escolas e os professores, mas que não foram alunos dos mestres em estudo, uma vez que estes foram selecionados posteriormente. Tendo como ponto de partida, as informações desses entrevistados e dos documentos escritos,

formou-se uma rede de narradores e informantes num total aproximado de 15 entrevistados ex-alunos entre 50 e 100 anos, tendo como recorte os dois mestres do estudo.

Três instrumentos foram elaborados e utilizados para a coleta dos dados da pesquisa das fontes orais: **roteiro de entrevista; ficha-questionário; caderno ou diário de campo**. Foram também elaborados fichamentos para sistematização e cotejamento do conteúdo das entrevistas e delinear um perfil sobre os dados dos entrevistados, que serão apresentados mais adiante.

Esse cotejamento foi realizado também sobre os temas que emergiram das entrevistas, após cuidadosa transcrição e análise do seu conteúdo. Sobre esse conteúdo foram elaborados os textos e quadros temáticos. Esses cotejamentos dos temas foram muito importantes e contribuíram, sem dúvida, para a seleção dos grandes temas de estudo da tese, dos quais originaram e foram estruturados seus capítulos. As análises desses conteúdos são apresentadas na urdidura dos três capítulos da tese.

Benjamim (1985, p. 223), ensina também que “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história, sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isto quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos

Será essa memória e seu conteúdo que irão nortear a reflexão e a narrativas descortinadas nos capítulos seguintes, compartilhando, portanto, com as idéias daqueles que pensam a história como uma construção dos homens e buscando conhecer as interpretações dos sujeitos que vivem e constroem os fatos, percebendo o campo da história como toda a experiência humana dos sujeitos comuns, como lembra Ginsburg (2004): “Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.

Essa é a minha imagem da tese: um vaso de cerâmica, de argila, que traz as marcas de muitas mãos de muitas outras vidas, anteriormente vividas, também reconstruídas e ressignificadas. Portanto, ao falar das memórias não pretendo trazê-las como algo do passado, mas já nos ensinou outro mestre – o grego Platão – representações de coisas ausentes, que ainda se fazem presentes nas tradições culturais, nas práticas e nas formas do ensinar e do educar.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro M. de. **Educação e Memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944)**. Brasília, UNB, 2009 (Tese de doutorado).

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas vol. I**. Magia e técnica, arte e política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**, v. XXVII. Rio de Janeiro, 1959.

\_\_\_\_\_. Directoria Geral de Estatística – **Estatística da instrução** – estatística escolar. Rio de Janeiro, 1916, v. I.

COSTA, Cléria Botelho da. Escola: espaço de memórias. In: MENEZES, Albene Miriam F. (org.). **História em movimento: temas e perguntas**. Brasília, DF: Thesaurus, 1997. p. 61-70.

\_\_\_\_\_. Memórias Compartilhadas: os contadores de história. In: COSTA, C. B. e MAGALHÃES, N. A. (orgs.). **Contar história, fazer história**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 73-84.

DELGADO, Lucilia de Almeida N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

DEMARTINI, Zeila B. F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: VON SIMSON, Olga (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

FERREIRA, Marieta de M. (coord.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1994.

\_\_\_\_\_. História Oral: um inventário das diferenças. In: \_\_\_\_\_. **Entre-Vistas: Abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 4

\_\_\_\_\_; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução Fernando Fleck e Frederico Caroti. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

- GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **ENCICLOPEDIA EINAUDI**, v. 1, Memória – História. Edição portuguesa. Porto, PT: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- MORAES, Marieta de. **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral In: ALMEIDA, P. R.; FENELON, D.R.; KHOURY, Y.A.; MACIEL, L. A. (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.
- \_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto história**: revista do programa de estudos pós-graduados em história e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, v.15, abr. 1997, p. 13-50.
- \_\_\_\_\_. O que faz a História Oral diferente. A pesquisa como experimento em igualdade. **Projeto história**: revista do programa de estudos pós-graduados em história e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, v.14, 1997.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- THOMSON, Alistair, Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto história**: revista do programa de estudos pós-graduados em história do departamento de história da PUC- São Paulo, n.15, p.51-84, abr. 1997.
- VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, L. Mendes de. **As lentes da história** – estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

